

LER JORNAIS. APRENDER HISTÓRIA. A DESCOBERTA DO TÚMULO DO FARAÓ TUTANKHAMON NA IMPrensa PORTUGUESA

READ NEWSPAPERS. LEARN HISTORY.
THE DISCOVERY OF PHARAOH TUTANKHAMON'S TOMB
BY THE PORTUGUESE PRESS

*LEER PERIÓDICOS. APRENDER HISTORIA
EL DESCUBRIMIENTO DE LA TUMBA DEL FARAÓN TU-
TANKHAMON EN LA PRENSA PORTUGUESA*

José das Candeias Sales

■ Egptólogo. Professor Associado com Agregação na Universidade Aberta. Investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa. Tem vários livros e artigos publicados, em Portugal e no estrangeiro, de que se destacam: *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egípto antigo* (1999); *Ideologia e propaganda real no Egípto Ptolomaico (305-30 a.C.)* (2005); *Estudos de Egptologia. Temáticas e Problemáticas* (2007); *Poder e Iconografia no antigo Egípto* (2008); *Política(s) e Cultura(s) no antigo Egípto* (2015).

■ E-mail: Jose.Sales@uab.pt

Susana Mota

■ Egptóloga. Doutorada em História Antiga – área de Egptologia. Investigadora integrada do CHAM – Centro de Humanidades. Começando por trabalhar sobre o Direito e a Justiça no Egípto antigo, passou depois para a área da Religião, em particular a Religião Doméstica, na qual realizou o seu doutoramento. Tem vários artigos publicados em Portugal e no estrangeiro.

■ E-mail: Susana-mota@hotmail.com



RESUMO

A divulgação da descoberta do túmulo de Tutankhamon por Howard Carter e pelo seu patrocinador Lord Carnarvon, a 4 de Novembro de 1922, pela imprensa portuguesa, ilustra particularmente bem a profunda relação existente entre a Comunicação e a História. Numa altura em que a imprensa portuguesa representava um importante meio de construção da identidade nacional, na então jovem República, as narrativas mediáticas que se desenvolveram em torno desta grande descoberta constituem um dos primeiros e mais importantes exemplos da profunda relação Media/ Arqueologia, na qual se misturam várias noções e concepções sobre a história antiga do Egito.

PALAVRAS-CHAVE: IMPRENSA; TUTANKHAMON; HISTÓRIA; ARQUEOLOGIA.

ABSTRACT

The disclosure of the discovery of Tutankhamun's tomb by Howard Carter and his sponsor Lord Carnarvon, on the 4th of November of 1922, by the Portuguese press, illustrates the profound relationship between Communication and History. At a time when the Portuguese press played an important role in the construction of national identity, in the then-young Republic, the media narratives developed around this great discovery are one of the first and most important examples of the strong relationship between Media/Archeology, in which various notions and conceptions about the ancient history of Egypt are combined.

KEYWORDS: PRESS; TUTANKHAMUN; HISTORY; ARCHEOLOGY.

RESUMEN

La revelación del descubrimiento de la tumba de Tutankamón por Howard Carter y su patrocinador Lord Carnarvon el 4 de noviembre de 1922 por los periódicos portugueses ilustra la profunda relación entre la Comunicación y la Historia. En un momento en que la prensa portuguesa era un medio importante para construir la identidad nacional en la entonces joven República, las narrativas de los medios que se desarrollaron en torno a este gran descubrimiento son uno de los primeros y más importantes ejemplos de la profunda relación entre los medios y la arqueología, donde se mezclan varias nociones y concepciones sobre la historia antigua de Egipto.

PALABRAS-CLAVE: PRENSA; TUTANKAMÓN; HISTORIA; ARQUEOLOGÍA.



1. Introdução

O presente texto decorre directamente do projecto de investigação que, desde 2016, desenvolvemos na área da recepção do Egipto antigo, genericamente intitulado “*Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1929)*”, cuja finalidade principal é identificar, recolher e analisar as notícias publicadas em Portugal, nos jornais e nas revistas, sobre a descoberta e escavação no Egipto do túmulo de Tutankhamon entre os anos de 1922 (objetivamente a partir de 4 de Novembro de 1922, data da descoberta do túmulo pelo arqueólogo Howard Carter e pelo seu financiador Lord Carnarvon) e 1939 (data da morte do arqueólogo).

A sensacional descoberta arqueológica no Vale dos Reis, em Luxor ocidental, foi noticiada pela imprensa internacional de todo o mundo, de forma inusitada e sem precedentes, tornando aquele faraó egípcio e os principais intervenientes nessa “maravilhosa descoberta no Vale” sobejamente conhecidos de milhões de leitores. Também em Portugal, os periódicos noticiaram amplamente os trabalhos realizados no túmulo a partir de então.

De facto, a imprensa portuguesa percebeu logo o imenso “filão” noticioso que os trabalhos no túmulo representavam, com todo o fascínio e exotismo que os rodeavam e a antiguidade egípcia que evocavam, e o enorme impacto que teriam sobre os interessados leitores. Apesar de Portugal não ter, no início do século XX, qualquer equipa arqueológica a trabalhar no Egipto, os jornais e as revistas portuguesas não ficaram, portanto, imunes às histórias da arqueologia inglesa no terreno e à descrição do longínquo passado egípcio, não obstante o conturbado período que se vivia em Portugal.

2. Os anos 20 e 30 do século XX em Portugal

Desde logo, é preciso ter presente que os anos 20 e 30 do século XX correspondem, realmente, em Portugal, a um período de enorme agitação

política, militar, ideológica e religiosa, com intensas lutas fratricidas, constantes golpes e contragolpes militares, conspirações e atentados terroristas, ferozes perseguições religiosas, com inevitáveis repercussões na instabilidade partidária, parlamentar, presidencial e governativa que se viveu, e de profunda crise financeira que se sucedeu ao derrube da Monarquia pelo golpe militar de 5 de Outubro de 1910. Politicamente, sucedem-se vários períodos que ficaram conhecidos na moderna história do país como a Primeira República portuguesa (1910-1926), a Ditadura Militar ou Ditadura Nacional (1926-1933), após o golpe militar de 28 de Maio de 1926, e o início do Estado Novo, depois da aprovação da Constituição de 1933 ocidental (Wheeler, 1978; Marques, 1980)¹.

Com a revolução de 5 de Outubro de 1910, depois da França e da Suíça, Portugal tornou-se no terceiro país europeu a optar pela via republicana, embora envolto em vários problemas, designadamente do ponto de vista económico-financeiro. A participação portuguesa na I Guerra Mundial agravaria ainda mais a situação e o pós-guerra ficaria marcado também por grandes problemas internos, como a escassez de bens, que levou à fome, a inflação, o intenso descontentamento popular e o agravamento exponencial da instabilidade política.

No âmbito do novo ideário republicano, do ponto de vista educacional e cultural, a luta contra as elevadas taxas de analfabetismo constituiu uma absoluta prioridade. No final do século XIX, essas taxas rondavam os 80 %, e durante os primeiros anos do século XX não houve nenhum combate eficaz contra a situação, capaz de a melhorar significativamente (Matos, 2014; Marques, 1980).

¹ Como exemplo da enorme instabilidade política vivida em Portugal durante a Primeira República registem-se os 45 governos, 8 eleições gerais e 8 presidentes que existiram nos seus 16 anos de duração, tornando-a no mais instável regime parlamentar da Europa.

Apesar da sua crónica instabilidade, a Primeira República usou todos os meios ao seu dispor para a propagação da sua ideologia e transmissão literária, cultural e científica. Entre esses meios usados pelo novo regime figuravam os jornais, numa vertiginosa profusão de títulos, de todos os tipos, um pouco por todo o lado. A doutrinação subjacente ao jornalismo republicano fez com que houvesse periódicos de todas as filiações ou tendências, muitos ligados directamente aos partidos políticos ou que, pelo menos, se apresentavam como defensores/divulgadores de algum tipo de ideologia. Como escrevem os estudiosos sobre esta dimensão ideológica subjacente à imprensa portuguesa:

Os grandes jornais lisboetas, e todos os diários, nasciam e viviam à sombra dos partidos, facções e grupos políticos, ou ligados a 'lobbies' comerciais ou industriais. Havia assim grande imprensa de dois tipos: jornais ideológicos e panfletários, que serviam de megafone a projectos políticos de maior ou menor transformação social, e jornais ditos noticiosos, imparciais, de grande informação útil e supra-partidária. Os primeiros doutrinavam, os segundos lucravam, embora por vezes a distinção fosse ténue (Sardica, 2014, p. 347).

Embora a dimensão política e ideológica da imprensa fosse prevalecente, ainda assim havia lugar para títulos exclusivamente dedicados a assuntos literários, culturais e científicos e mesmo para o tratamento desses assuntos em jornais generalistas:

Há, de facto, um vasto território de novas publicações periódicas que povoam o espaço público republicano: imprensa literária, imprensa cultural e imprensa científica especializada, para além de um rol enorme de títulos de jornais políticos, de classe, informativos, nacionais, regionais e locais (Nunes, 2014, p. 441).

A enorme vitalidade da imprensa em Portugal nestes anos, mesmo num quadro de uma censura actuante e punitiva, é, de facto, impressionante:

During the First Republic, the press enjoyed great vitality, despite censorship, frequent assaults to Journals' pressrooms, and the extinction of some of the most important Royalist Journals. In 1900, there were in Portugal 416 publications of all sorts (1 per 14,736 inhabitants); in 1910, the number had risen to 534 (1 per 11,238); in 1923 the number increased to 631 (1 per 10,817 inhabitants) (Matos, 2014, p. 185).

Não obstante o elevado número de analfabetos, a que o ideário republicano pretendia pôr cobro, “O Portugal de então era um país de jornais” (Marques, 1991, p. 600). Todos os que sabiam ler podiam, agora, de acordo com as suas inclinações ideológico-partidárias ou interesses culturais, aceder à informação e às notícias veiculadas pelos vários jornais e pelas várias revistas existentes. Aqueles que não sabiam ler, a maioria, portanto, podiam, porém, ouvir ler essas mesmas notícias, pois esta era uma prática comum instalada: “Em pequenas vilas e aldeias, era frequente ler-se o jornal em voz alta perante uma assistência heterogénea de povo, que ouvia e comentava.” (Marques, 1980, p. 90).

Esta característica da sociedade portuguesa, de enorme significado social, cultural e jornalístico para a vida de então, ajudou também a imprensa a implantar-se como factor social essencial e politicamente fulcral do regime republicano (Matos, 2014), beneficiando paralelamente da crescente industrialização, sobretudo nas grandes cidades, e da introdução de inovações técnicas, como a rotativa, o telégrafo e os anúncios com suporte financiamento das publicações, o caminho-de-ferro e o novo sistema de distribuição baseado em vendedores de rua (Silva, 2010, 177).

A instabilidade política e financeira dos novos



tempos republicanos atingia, todavia, também, inevitavelmente, a imprensa, cujo mercado, mau grado o crescimento verificado e a multiplicidade existente, tinha ainda uma estrutura relativamente débil:

O mercado da imprensa era extraordinariamente volátil. Desde logo, os jornais surgiam e desapareciam a ritmo veloz; por vezes, suspendiam a circulação, por decréscimo de vendas, insustentabilidade financeira ou perseguição política, para um dia a retomarem, com outro ou o mesmo título, a mesma ou diferente periodicidade (Sardica, 2014, pp. 348).

Portugal não tinha, obviamente, mais jornais ou mais tiragens do que esses colossos democráticos [França e Grã-Bretanha]; tinha era uma estrutura de mercado jornalístico muito fragmentada, com um elevado número de publicações que vendiam, na sua esmagadora maioria, pouco, e que duravam também pouco tempo, sendo inúmeros os títulos que não excediam algumas semanas ou meses. Mais de dois terços dos jornais portugueses eram mensais, semanários ou bissetimanários, e não conseguiam tiragens superiores a uns 800 exemplares cada (Sardica, 2014, pp. 346).

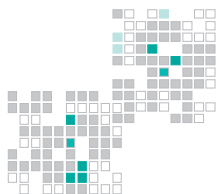
Compreensivelmente, o ambiente político, com oscilações ideológicas diametralmente opostas, da liberal proclamação de total liberdade de expressão até à radical abolição das liberdades de imprensa e instauração da censura, e a volatilidade das publicações periódicas, sobretudo devido à crónica debilidade da sua situação financeira, com as inerentes fundação-encerramento-refundação de dezenas de títulos, dificultam uma consistente visão quantitativa de conjunto (Sardica, 2014), mas são suficientes para aquilatar da importância deste tipo de fonte (a imprensa escrita) para a reconstituição dos grandes aconteci-

mentos culturais da época (como a descoberta de um túmulo supostamente intacto no Egípto²) e, assim, observar a profunda relação existente entre a Comunicação e a História, ou se quisermos, com maior rigor, entre os Media e a Arqueologia, através daquele que foi, talvez, um dos primeiros e mais importantes exemplos.

3. O corpus documental: principais características e números

A extraordinária volatilidade do mercado jornalístico português atrás mencionada fez-se sentir de duas formas muito distintas no estabelecimento do *corpus* de trabalho no âmbito do nosso projecto de investigação, condicionando-o, sem, porém, o inviabilizar: há jornais e revistas que se publicaram ininterruptamente entre 1922 e 1939, mas há também outras publicações que só cobrem uma parte do período em estudo, seja ela a primeira parte dos anos vinte do século passado, o princípio dos anos 30 ou o final dos anos 30. Ainda assim, foi possível identificar 28 publicações diferentes (24 jornais e 4 revistas) para o período definido (1922-

2 Dizemos “supostamente” porque essa era a ideia existente na época e difundida pelos jornais de todo o mundo. Recorde-se que o próprio Howard Carter no telegrama que enviou a Lord Carnarvon dando-lhe conta da descoberta, enfatizava a questão do túmulo estar intacto: “At last we have made a wonderful discovery in the valley, a magnificent tomb with seals intact, recovered and waiting for your arrival. Congratulations” (Reeves, 2000, p. 160; Hawass, 2006, p. 107). A investigação arqueológica, porém, permitiu perceber posteriormente que o túmulo fora violado duas vezes na Antiguidade: a primeira vez, muito pouco tempo depois do funeral de Tutankhamon, muito provavelmente por aqueles que a ele tinham assistido. Os roubos foram descobertos e o corredor de entrada preenchido com escombros para constituir um impedimento para futuro acessos ilícitos, o que acabou por não se verificar, pois um segundo saque ocorreu pouco tempo depois. Desta vez, os intrusos foram apanhados durante o assalto. Alguns dos seus despojos seriam encontrados por H. Carter, ainda envoltos num lenço, prontos a serem transportados para fora do túmulo. Os ladrões foram mutilados e empalados em aguçadas estacas. O brutal castigo terá dissuadido posteriores tentativas de entrada no túmulo. Com o esquecimento a que os faraós heréticos de Amarna foram votados durante o período Raméssida e com a construção no local, alguns anos depois, de uma série de armazéns e abrigos para operários, o túmulo de Tutankhamon foi completamente esquecido (Reeves, 1990).

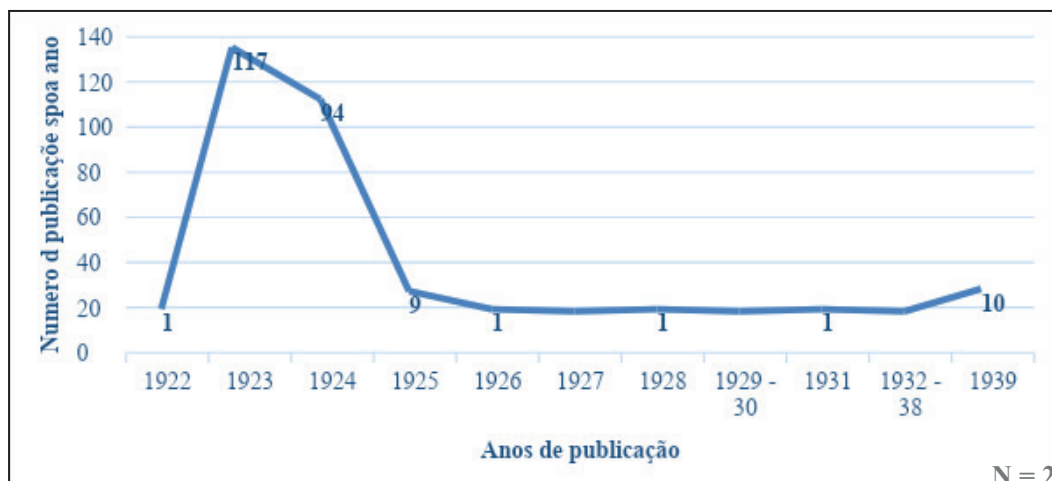


1939), sendo 16 matutinos (67 %) e 8 vespertinos (33 %). No caso das revistas, temos três semanais (75 %) e uma mensal (25 %). No que respeita ao local de publicação, 22 periódicos são de Lisboa (79 %), cinco do Porto (18 %) e uma de Coimbra (4 %). No total recolheram-se 234 notícias sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon e eventos associados (ver **Tabela 1**).

Com base nestes elementos, é possível apresentar graficamente a distribuição das notícias por ano de publicação (**Gráfico 1**) percebendo-se claramente que o ano com maior número de notícias é 1923, com 117 notícias, seguido de 1924 com 94 notícias. Nestes dois anos, deparamo-nos com 211 das 234 notícias recolhidas, ou seja, com 90 % do total apurado. Esta esmagadora preponderância é plenamente justificada pelo facto de estes dois anos serem aqueles com maior número de factos ocorridos em torno da descoberta: 1923 é o ano da abertura oficial do túmulo e da morte de Lord Carnarvon (aspectos amplamente noticiados na imprensa internacional e na imprensa portuguesa); em 1924, continuam os trabalhos no túmulo e destacam-se os problemas ocorridos entre Howard Carter e o governo egípcio em torno da continuação/funcionamento dos trabalhos de escavação. O ano de 1939, o que encerra a nossa cronologia, aparece em terceiro lugar, ainda que com apenas 10 notícias, três delas dedicadas à morte de Howard Carter (a 2 de Março de 1939) e sete às novas descobertas que então ocorreram em Tânis, também em túmulos intactos, sob a supervisão do arqueólogo e egiptólogo francês Pierre Montet (1885-1966).

Numa breve análise da Tabela 1 e do Gráfico 1 merecem igualmente destaque os anos de 1922 e 1925, neste caso pela ausência ou escassez de notícias. Em relação a 1922, em que temos apenas uma notícia na imprensa portuguesa, trata-se objectivamente do ano da descoberta do túmulo, a 4 de Novembro. No entanto, só a 3 de Dezembro, surge em Portugal a primeira notícia (*O Século*, Ano 42, Nº 14659, 3 de Dezembro de 1922, p.3). O facto de a descoberta e de os primeiros trabalhos terem decorrido já na parte final do ano de 1922 pode explicar esta ausência, não tanto por desinteresse da imprensa portuguesa, mas talvez simplesmente por escassez de informação substantiva sobre a intervenção arqueológica em curso. O ano de 1925 foi o ano em que se encontrou a que é ainda hoje a peça mais icónica do túmulo de Tutankhamon: a máscara funerária do faraó (JE 60672). Embora tenhamos recolhido oito notícias neste ano, nenhuma delas se reporta à descoberta arqueológica mais importante ocorrida nesse ano, o que faz com que não haja também na imprensa portuguesa nenhuma imagem da dita máscara funerária. A partir de 1925, as páginas dos periódicos publicados em Portugal deixam de dedicar a sua atenção ao túmulo de Tutankhamon, desaparecendo o assunto praticamente da imprensa portuguesa. (**gráfico1**)

Gráfico 1: Número de notícias por ano



Fonte: Próprios autores



Tabela 1: As 28 publicações (por ordem alfabética) onde foram recolhidas as notícias sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon e eventos associados, com o número de notícias publicadas por ano em cada publicação

| Publicação | Tipologia | Número de notícia por ano de publicação | | | | | | | | | | | Total |
|--|-----------|---|------------|-----------|----------|----------|----------|----------|-----------|----------|-----------|-----------|------------|
| | | 1922 | 1923 | 1924 | 1925 | 1926 | 1927 | 1928 | 1929 - 30 | 1931 | 1932 - 38 | 1939 | |
| <i>A Capital,</i> <i>Diário Republicano da Noite</i> | Jornal | - | 9 | 8 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | 18 |
| <i>A Época</i> | Jornal | - | 5 | 4 | - | - | - | - | - | - | - | - | 9 |
| <i>A Imprensa Nova (Série I)</i> | Jornal | - | - | 7 | - | - | - | - | - | - | - | - | 7 |
| <i>A Pátria</i> | Jornal | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 |
| <i>A Tarde</i> | Jornal | - | - | 4 | - | - | - | - | - | - | - | - | 4 |
| <i>A Tribuna,</i> <i>Diário Republicano da Manhã</i> | Jornal | - | 4 | 3 | - | - | - | - | - | - | - | - | 7 |
| <i>A Vanguarda</i> | Jornal | - | 6 | 5 | - | - | - | - | - | - | - | - | 11 |
| <i>ABC: Revista Portuguesa</i> | Revista | - | 7 | - | 2 | - | - | - | - | - | - | - | 9 |
| <i>Correio da Manhã,</i> <i>Órgão da Causa Monárquica</i> | Jornal | - | 9 | 2 | - | - | - | - | - | - | - | - | 11 |
| <i>Diário da Manhã,</i> <i>Jornal de Doutrina Política</i> <i>e de Grande Informação</i> | Jornal | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 | 2 |
| <i>Diário de Lisboa</i> | Jornal | - | 6 | 7 | - | - | - | - | - | 1 | - | 1 | 15 |
| <i>Diário de Notícias</i> | Jornal | - | 7 | - | - | - | - | - | - | - | - | 3 | 10 |
| <i>Dionysos,</i> <i>Revista Mensal de Philosophia,</i> <i>Sciencia e Arte</i> | Revista | - | - | - | 2 | 1 | - | 1 | - | - | - | - | 4 |
| <i>Ilustração Portuguesa</i> | Revista | - | 2 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | 3 |
| <i>Jornal de Notícias</i> | Jornal | - | 4 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | 1 | 6 |
| <i>Novidades</i> | Jornal | - | - | 10 | - | - | - | - | - | - | - | - | 10 |
| <i>O Comércio do Porto</i> | Jornal | - | 9 | 7 | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 | 18 |
| <i>O Comércio do Porto</i> <i>Edição da Tarde</i> | Jornal | - | 17 | 10 | - | - | - | - | - | - | - | - | 27 |
| <i>O Dia</i> | Jornal | - | 2 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 |
| <i>O Domingo Ilustrado,</i> <i>Noticias & Actualidades Graficas,</i> <i>Teatros, Sports & Aventuras,</i> <i>Consultorios & Utilidades</i> | Revista | - | - | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | 1 |
| <i>O Mundo</i> | Jornal | - | 7 | 6 | - | - | - | - | - | - | - | - | 13 |
| <i>O Primeiro de Janeiro</i> | Jornal | - | 3 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 3 |
| <i>O Radical,</i> <i>Jornal Republicano Independente</i> | Jornal | - | 1 | 3 | - | - | - | - | - | - | - | - | 4 |
| <i>O Rebate,</i> <i>Diário Republicano da Manhã</i> | Jornal | 1 | 7 | 9 | 1 | - | - | - | - | - | - | - | 18 |
| <i>O Século</i> | Jornal | - | 8 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 8 |
| <i>O Século</i> <i>Edição da Noite</i> | Jornal | - | 2 | 5 | 1 | - | - | - | - | - | - | 1 | 9 |
| <i>República (Série I)</i> | Jornal | - | 1 | 2 | - | - | - | - | - | - | - | - | 3 |
| <i>República (Série II)</i> | Jornal | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 |
| Totais | | 1 | 117 | 94 | 9 | 1 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 10 | 234 |

Mesmo descontando o facto de as notícias terem características diferentes (Tabela 2), o significativo número publicado em 1923 e 1924 permite perceber as principais temáticas e as histórias que foram retidas e transmitidas pela imprensa portuguesa e que captaram a atenção e a imaginação dos mais variados públicos, moldando imperceptível mas indelevelmente a sua percepção da antiga história egípcia, dos seus agentes, sobretudo os faraós, ao mesmo tempo que se dividiam entre o apreço e a desconfiança perante a actividade da arqueologia científica. (Tabela 2)

4. Temáticas essenciais

Sobretudo nos anos de 1923 e 1924, a imprensa portuguesa, com a divulgação de notícias quase diárias sobre a descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon e dos trabalhos em curso sob a alçada de Howard Carter, muitas vezes em desavença assumida com as autoridades egípcias, de que os jornais também davam conta, foi um poderoso agente na ampliação do mistério e fascínio que a antiga civilização egípcia exerceu sobre os leitores portugueses. No recorte imaginário que iam traçando, recorrendo amiúde a imagens (fotos e ilustrações)³, é possível identificar os tópicos de reflexão e interesse que elegeram e a forma como, autónoma e criativamente ou usando a tradução de textos estrangeiros pré-existentes, fizeram chegar o antigo Egipto e a sua história aos portugueses da época.

Logo a 17 de Fevereiro de 1923, o jornal *A Vanguarda* começa uma das suas notícias sobre as descobertas de Lord Carnarvon no Egipto com a

³ Neste campo da utilização das imagens a acompanhar as notícias, destacam-se três publicações a *Ilustração Portuguesa*, *ABC: Revista Portuguesa* e *Dionysos. Revista Mensal de Philosophia, Sciencia e Arte*.

Tabela 2: Tipologia das notícias

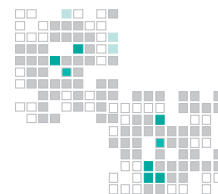
| Tipo de notícia | Nº de notícias | % |
|---|----------------|----|
| Notícia a partir de “agência noticiosa” | 143 | 61 |
| Texto original não assinado (?) | 38 | 16 |
| Texto ou imagem copiada/baseada partir publicações estrangeiras | 23 | 10 |
| Notícia copiada de outros jornais portugueses | 12 | 5 |
| Artigo de cariz ‘científico’ | 8 | 3 |
| Artigo de opinião | 4 | 2 |
| Texto ou imagem original assinada (?) | 4 | 2 |
| Artigo de curiosidades | 2 | 1 |

Fonte: Próprios autores

seguinte observação: “O pharaó Tut-Anh-Amen, morto há mais de trez mil anos, é bem o soberano que faz actualmente mais ruído em todo o mundo” (p. 1). Outra notícia publicada no jornal *A Tribuna*, datada de 05 de Abril de 1923 (p. 1), ainda não haviam passado, portanto, quatro meses sobre a descoberta do túmulo, inicia-se com um parágrafo que é, em si mesmo, simultaneamente, um extraordinário testemunho da importância da descoberta e do eco dela nos jornais de todo o mundo e uma prova da consciência jornalística que existia em Portugal da sua exploração:

Nestes últimos tempos a curiosidade e a atenção de todo o mundo foram despertadas pelas descobertas realizadas por Lord Carnarvon no tumulo do faraó Tout-Ankh-Amon, lendo-se com avidéz tudo o que a elas se referia, ainda os mais insignificantes pormenores. (p. 1)

A extensa e detalhada cobertura mediática dada à descoberta criava um terreno propício para uma redescoberta da antiga civilização egípcia e para um interesse pela sua antiga história, personagens, ambiente, costumes e práticas, embora com relações diferenciadas com o passado. De facto, a nossa análise das notícias publicadas pelos periódicos nacionais permite identificar três linhas de relação com o passado que são nal-



guns aspectos divergentes e até inconciliáveis: uma que vê o passado egípcio como algo estimulante, que se deve conhecer e estudar, a par de outras realidades histórico-civilizacionais; outra que hipervaloriza o passado faraónico, qual época de requinte e beleza perdida e inigualável; e outra que, paralelamente, teme e receia esse passado longínquo e misterioso, criticando implícita ou explicitamente o ressurgimento que dele efectua a arqueologia científica.

A cobertura jornalística portuguesa que considera as escavações de Luxor ocidental como um contributo inestimável para o conhecimento, acompanha os trabalhos da equipa de Carter na expectativa do que eles poderão trazer para decifrar o passado. Este tipo de notícias gera no leitor a crença num passado ainda por descobrir em que os conhecimentos dados por adquiridos (por exemplo em relação aos antigos Hebreus, sobejamente conhecidos pela Bíblia) podem, agora, conhecer novas explicações e novas interpretações resultantes dos documentos e artefactos que potencialmente o túmulo de Tutankhamon poderia albergar.

Os tempos republicanos, caracterizados em muitas questões por um forte pendor anti-clerical, tornava esta visão do passado egípcio ou este desejo de o **conhecer**, altamente apelativos. O passado em descoberta no Vale dos Reis podia ajudar a dismantelar algumas problemáticas religiosas, contribuindo, assim, para esvaziar a força e o domínio da Igreja. Questões como o monoteísmo hebraico são, neste momento, colocadas em contraponto com a sua eventual origem egípcia. Numa notícia do jornal *A Capital* (30/01/1923, p. 1) são mencionados os faraós Amenhotep III, Akhenaton, Tutankhamon, Ay e Horemheb, bem com o movimento de feição monoteizante em torno do deus egípcio Aton de que Moisés, chamado de “sacerdote de Heliopolis” seria herdeiro.

Um segundo grupo de notícias, que **preza** o passado egípcio *de per si*, prefere enfatizar a di-

menção artística dos antigos Egípcios a partir dos testemunhos e das riquezas patrimoniais encontrados no túmulo real do Vale dos Reis. Notícias como as publicadas no *Diário de Lisboa* (08/02/1923, p. 2), *ABC – Revista Portuguesa* (15 de Fevereiro 1923, pp. 12-13), *A Vanguarda* (17/02/1923, p. 1) ou *Ilustração Portuguesa* (10/03/1923, pp. 303-306, e de 19/01/1924, pp. 79-80) encaram a actividade arqueológica como um meio imprescindível para desenterrar essas maravilhosas realizações do espírito dos antigos Egípcios. É como se os jornais transmitissem aos seus leitores a noção de que o labor dos pesquisadores ingleses é uma bênção para a Humanidade, pois permite aceder à “beleza perdida dos faraós”:

O Egipto – a terra abençoada onde a Arte ensaiou os primeiros bailados da sua adolescência; (...) é, ainda hoje, um sarcófago esfingiacado de misterios que, dia a dia, vão sendo desvendados, graças ás escavações persistentes, ali realizadas. Os nossos aliados ingleses, sempre perseverantes nas suas empresas, continuam rasgando as entranhas da terra egípcia, no único interesse de sondar as belezas ainda desconhecidas da Arte Antiga, prestando assim um alto beneficio á constituição da historia desse país, cuja origem se perde na noite dos tempos. Á frente dessas escavações, que duram ha dezassete anos, encontram-se Lord Carnarvon e o seu colaborador e amigo Mr. Howard Carter, que ali tem dispendido grande parte da sua fortuna. É bom notar que quaisquer objectos encontrados não saem do Egipto; são guardados no Grande Museu do Cairo e ficam sendo pertença do Estado. (Diário de Lisboa, 08/02/ 1923, p. 2).

Valorizam-se as produções artísticas do passado egípcio, através das magníficas peças encontradas por Carter/ Carnarvon no túmulo de Luxor ocidental, e com elas excita-se a atenção do

público e a sua aprovação pela continuação dos trabalhos arqueológicos. Quando estes leitores se confrontam com outras notícias relatando as dificuldades e embargos colocados pelas autoridades egípcias à continuação dos trabalhos de Carter, é como se todos se posicionassem do lado do arqueólogo e da ciência. É também esse o efeito que as notícias “defensoras” da Arqueologia pretendem gerar.

As riquezas artísticas egípcias são valorizadas mais na sua dimensão civilizacional do que propriamente material. Muitas destas notícias são ilustradas com fotografias e com esquemas (caso de *ABC – Revista Portuguesa e Ilustração Portuguesa*), o que tem a virtualidade de mostrar os artefactos da necrópole tebana e, assim, deslumbrar mais os receptivos leitores. A “observação directa” proporcionada pela imprensa portuguesa da quantidade e da beleza dos artefactos retirados do túmulo do antigo rei egípcio alimentava esta visão.

Mas também há notícias que defendem o contrário, isto é, que olham a intervenção arqueológica como um indevido remexer dos terrenos da história antiga. Esta linha é particularmente sensível à “vingança” ou “maldição” da múmia. É realmente um segmento de exploração noticiosa que alcança uma certa expressão na imprensa portuguesa, sobretudo após 5 de Abril de 1923 (data da morte de Lord Carnarvon), como, aliás, junto de outras imprensas europeias. A história da maldição do faraó que supostamente estaria por detrás da morte do financiador da campanha de escavação, bem como de outros investigadores, visitantes do túmulo e turistas, está bem representada em Portugal: *A Capital* (05/04/1923, p. 1, 10/04/1923, p. 2, e 11/02/1924, p. 1), *A Tarde* (16/02/1924, p. 1), *A Tribuna* (05/04/1923, p. 1, e 04/03/1924, p. 1), *Diário de Lisboa* (09/04/1923, p. 7), *Diário de Notícias* (07/04/1923, p. 1), de *O Comércio do Porto* (19/02/1924, p. 1) e *O Comércio do Porto – Ed. da tarde* (16/04/1923, p. 1, e 19/02/1924, p. 2).

Com títulos particularmente sensacionalistas,

o passado egípcio, os seus faraós e os arqueólogos em exercício são associados nestas notícias a “mistério”, “segredo”, “ameaça”, “magia”, “morte”, “vingança”, “violadores” e “profanadores”. Esta linha de notícias desenvolve uma tensão em relação à investigação do passado e alimenta um **temor** supersticioso em relação a esse mesmo passado. Através destas notícias, vemos emergir um Egipto antigo em que a primitiva religiosidade está impregnada de características e virtualidades tais que lhe permitem, através dos “mistérios da magia negra”, transpor os tempos e castigar inexoravelmente aqueles que se atreveram a mexer com a sua dimensão mais profunda que é a morte/o sossego eterno de um seu soberano. Não interessa se se trata de simples trabalhadores, de arqueólogos encartados ou de grandes magnatas, a vingança do faraó é, neste sentido, justa, implacável e infalível.

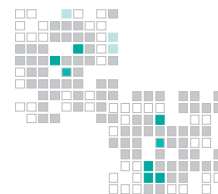
“A vingança de Tutankhamon” estimula e impregna de tal forma o tratamento jornalístico destes textos que o encerramento do túmulo e o fim dos trabalhos de exploração são noticiados como o “último acto” da vingança faraónica, que desde o final de 1922 se adivinhava:

Mas da alma egípcia exilava-se já uma corrente forte de odio que se ia adensando sobre a cabeça dos profanadores – odio que se ia tecendo telepaticamente, formando um desejo comum de vingança contra Carter e Carnarvon.

O faraó vingar-se-há! – diziam os jornais egípcios, os proprios jornais ingleses, dizia-o toda a população do Egipto. (A Tarde (16/02/1924, p. 1; O Comércio do Porto – Ed. da tarde (19/02/1924, p. 2)

As doenças, as mortes sucessivas e o encerramento do túmulo eram tudo acontecimentos que irrefutavelmente atestavam a vingança do faraó, de que ninguém devia contestar ou duvidar.

Os jornais portugueses da época fizeram, por-



tanto, eco de factos extraordinários e contribuíram de forma sensacionalista para lançar num público alargado a ideia da maldição que atingira, logo em 1923, Lord Carnarvon, o financiador da expedição arqueológica, e muitos outros intelectuais, jornalistas, visitantes. Mesmo que outros argumentos e outras notícias sejam equacionados, recusando que Tutankhamon se tivesse vingado na posteridade, a ideia principal transmitida aos leitores por esta linha temática insiste na interpretação e explicação temerosa do passado egípcio.

5. Conclusão

Com a divulgação de notícias quase diárias sobre a descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon, a imprensa portuguesa, sobretudo do início dos anos 20 do século XX, foi um poderoso agente na ampliação do mistério e fascínio que a antiga civilização egípcia exercia sobre os leitores portugueses.

Algumas destas notícias não são da autoria de jornalistas portugueses, mas sim resultado de uma “composição” ou tradução a partir de notícias recolhidas em agências noticiosas estrangei-

ras (francesas e inglesas, nomeadamente), mas, ainda assim, elas circularam, em português, junto do grande público.

Ao lidar com a dimensão histórica subjacente a tal descoberta, a imprensa portuguesa elegeu como principais tópicos, por um lado, o seu suposto contributo para o conhecimento da história comparada do mundo antigo, por outro, a ideia de um Egipto antigo, em geral, e da época de Tutankhamon, em particular, como um “paraíso perdido”, luxuoso, belo e rico, de incontáveis maravilhas, e, por outro ainda, a infabilidade da maldição da múmia que, por tenebrosas artes mágicas, atingia aqueles que profanavam o túmulo do Vale dos Reis.

Lado a lado, na representação dos textos e das imagens da imprensa portuguesa de 1923-1924, coexistem descrições antagónicas, “positivas” e “negativas”, sobre a história do Egipto antigo. Substantivo, todavia, é salientar como dessa forma, voluntária ou involuntária, a imprensa estimulou a imaginação de milhões de leitores, aguçou-lhes a curiosidade e ajudou-os a delinear contornos históricos, de maior ou menor rigor, sobre o passado egípcio.

REFERÊNCIAS

HAWASS, Zahi. *The golden king. The world of Tutankhamun*. Cairo/ New York: The American University in Cairo Press, 2006.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *A Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

_____. *Portugal da Monarquia para a Republica, 1900-1930*. Coleção Nova História de Portugal, Vol. XI. Lisboa: Editorial Presença.

MATOS, Álvaro Costa de. The press in the first Portuguese Republic: constraints and guiding principles (1910 – 1926). In: SOUSA, Jorge Pedro (org.). *A History of the press in the Portuguese-speaking countries*. Lisboa: Media XXI, 2014, p. 179 -260.

NUNES, Maria de Fátima. Indústria. Imprensa/ Jornais e revistas. In: ROLLO, Maria Fernanda (coord.). *Dicionário de História da I República e do Republicanismo, Vol. II: F-M*. Lisboa: Assembleia da República, 2014, p.439-442.

REEVES, Nicholas. *The Complete Tutankhamun: The King, The Tomb, The Royal Treasure*. Cairo: The American University in Cairo Press, 1990.

_____. *Ancient Egypt. The great discoveries. A year-by-year chronicle*. London: Thames & Hudson, 2000.

SARDICA, José Miguel. Imprensa. Títulos. In: ROLLO, Maria Fernanda (coord.). *Dicionário de História da I República e do Republicanismo, Vol. II: F-M*. Lisboa: Assembleia da República, 2014, p.344-357.

SILVA, Gabriel. A teorização do jornalismo em Portugal: I República (de 5 de Outubro de 1910 a 28 de Maio de 1926). In: SOUSA, Jorge Pedro (coord.). *O Pensamento Jornalístico Português: das origens a Abril de 1974, Vol. I.*, Lisboa: LabCom, 2010, p.177-192.

WHEELER, Douglas L. A Primeira República Portuguesa e a história. *Análise Social*, Lisboa, Vol. XIV (56), p. 856-862, 1978.